

GERMINAL

(Últimas páginas)

Fôra, Estevam seguiu um momento a estrada, absorto. Zumbia dentro d'ele toda a casta de ideias. Mas teve uma sensação de ar livre, de céu aberto, e respirou desafogadamente. Despertava o sol no horizonte glorioso; era um acordar alacre da campina toda. Espraia-se do oriente ao ocidente uma onda de ouro sobre a imensa planície. Aquele calor da vida avançava, alargava-se num fremito de mocidade, em que vibravam os suspiros da terra, o canto das aves, todos os murmurios das águas e das ramadas. Sabia bem a vida; o velho mundo queria viver mais uma primavera.

E, penetrado desta esperança, Estevam afrouxou o passo, os olhos perdidos á direita e á esquerda, naquela alacridade da estação nova. Pensava em si, sentia-se forte, amadurecido pela sua dura experiência no fundo da mina. Estava completa a sua educação; partia bem armado, — soldado da revolução pelo raciocínio, em guerra contra a sociedade, tal como a via e condenava. A alegria de ir ter com Pluchart, de ser como Pluchart um chefe escutado, inspirava-lhe discursos, de que já ia preparando frases. Meditava em alargar o seu programa; o refinamento burguês que o tinha elevado acima da sua classe, lançava-o em um odio maior contra a burguesia. Aqueles operários cujo odor de miséria agora o incomodava, sentia-lhe a necessidade de os exaltar a uma apoteose, mostrando-os como únicos grandes e únicos impecáveis, como a única nobreza e a única força em que a humanidade se podia retemperar. E via-se já na tribuna, triunfando com o povo, se antes o povo não o devorasse.

Um cantar de cotovia, nas alturas, fê-lo olhar para o céu. Pequenas nuvens vermelhas, os últimos vapores da noite, fundiam-se no límpido azul; e as figuras vagas de Suvarine e de Rasseneur apareceram-lhe numa visão. Decididamente, ia tudo por água abaixo, quando cada um queria para si o poder. Assim, essa famosa Internacional que devia ter renovado o mundo, abortava de impotência, depois de ver o seu formidável exercito fraccionar-se, esfacular-se em questiuiculas intestinas. Teria razão Darwin? não seria o mundo mais que uma batalha, os fortes esmagando os fracos para aformoseamento e continuidade da espécie? Perturbava-o essa questão...

... E, sob os seus pés, continuavam os golpes profundos, os golpes obstinados das picaretas. Lá estavam os camaradas todos, que ele bem os ouvia seguirem-no a cada passada.

Por baixo daquela leira de be-terrabas, não era da do Maheu, dobrada pela espinha, a respiração rouca que ele ouvia, acompanhada do rodopiar do ventilador? Á esquerda, á direita, mais além, parecia-lhe reconhecer outros por baixo dos trigais, das sebes vivas, das árvores novas.

Agora, em pleno céu, o sol de abril raiava em toda a sua glória, aquecendo a terra em gestação. Do flanco maternal brotava a vida, os rebentos desabrochavam em folhas verdejantes, os campos estremeciam com o rebrantar das ervas. De todos os lados as sementes inchavam, alongavam-se, gretavam a planície, agulhoadas pela necessidade de calor e de luz. Escorria um trasbordar de seiva com vozes sussurrantes; o murmurio dos germens expandia-se num grande beijo. E sempre, sem interrupção, cada vez mais distintamente, como se se tivessem aproximado do solo, os camaradas cavavam. Aos raios inflamados do astro, por aquela manhã de juventude, era daquele rumor que a campina estava prenhe. Surgiam homens, um exercito negro, vingador, que germinava lentamente no campo, crescendo para as colheitas do século futuro, e cuja germinação não tardaria a fazer estalar a terra.

Emilio Zola.

Uma moção social-democratica

Para mostrar como a social-democracia cumpre as suas promessas, a *Aurora*, do Porto, (27 de Dezembro) reproduz a moção sobre o imperialismo votada no congresso social-democratico alemão de Chemnitz, em Setembro de 1912. Reparem os nossos leitores neste periodo:

«A Social-Democracia lutará com toda a sua energia contra as tendencias imperialistas e patrioteiras, onde quer que se manifestem, e praticará da maneira mais resoluta a solidariedade internacional do proletariado, o qual não mantém em parte alguma sentimentos hostis para com um povo estrangeiro».

Aqui o deixamos a titulo documental.

Portugal na guerra

Deve ter-se por gorada a ideia tremebunda da «nossa» participação na guerra, ahí acariciada pelos democraticos, acolitados pelos evolucionistas? Sabe-se lá. E' certo que dela fez primeiro ponto do programa do seu governo o eopico Victor Hugo; mas afirma-se que a coisa constitui «uma aventura que mal comportam os nossos recursos militares e financeiros», e que em «conservarmo-nos alheios ao conflito, vai o proprio interesse da Inglaterra». E isto leva a crer que o dito epico, dissipados os fumos guerreiros com que subiu ao poder, nem terá ocasião de se dedicar ao outro ponto da sua tarefa — limpar as ruas.

Primeiras letras

QUE É REPUBLICA?

Por muito tempo, a palavra *republica* teve para a gente conservadora o sentido de *desordem*, — o que andam apostados a justificar certos republicanos; assim como para a gente simples e credula possuiu a virtude magica de tudo melhorar, só com substituir no rotulo do regimen politico, sua irmã — a monarquia.

E' formada de dois vocabulos latinos — *res publica*, que querem dizer: *coisa publica*, *coisa que é de todos*. E designando, no seu sentido absoluto, o sistema em virtude do qual o povo exerce por si mesmo o governo, não passa dum sistema de governo em que o povo, persuadido de que é soberano, se dá a ilusão até da liberdade de nomear — e de sustentar — os seus senhores.

Embora a palavra *republica* signifique a *coisa publica*, diz o escritor C. Malato, nunca foram as republicas senão coisa de alguns. As republicas mais democraticas da antiguidade, isto é, as da Grecia, eram fundadas sobre a exploração de uma massa mantida fóra da humanidade: contavam quasi um homem livre, um cidadão, por cada dez escravos. A republica romana foi o mais espantoso exemplo de bandoleirismo, a pilhagem do mundo por exercitos de bandidos para maior proveito de uma casta de patricios que espesinhavam uma massa de plebeus. As republicas da Idade Média foram oligarquias de aristocratas e de mercadores, desconhecendo absolutamente o que eram a liberdade humana, a igualdade social e o povo. E as republicas de hoje vemo-las subsistindo como as da antiga Grecia, pela exploração de uma massa desherdada, ignorante e servil, cheia de preconceitos por seus amos e senhores, — com esta diferença apenas: então os homens dessa massa chamavam-se escravos e actualmente chamam-se salarizados.

Na sua maior parte os republicanos abandonaram os seus antigos principios de revolução economica e fraternidade universal, trazem de rastos o seu velho lema de liberdade, igualdade e fraternidade; mas de justiça é dizer que, para os que receberam e não esqueceram as lições de alguns dos seus avós, republica é uma coisa muito diferente da organização democratica de um governo capitalista, que ora tem aquele nome. Uma exclamação como a aparatosa — «esta não é a republica que sonhámos!» deve ser o triste eco da sincera dor d'esses poucos.

Ao que parece, apesar dos varios exemplos de aborto social que a palavra *republica* tem inspirado ou cobre, ela

está destinada a designar a organização da sociedade por que lutam todos os avançados e como a deseja o proletariado: não se chama republica comunista á de Babeuf e de Blanqui, republica libertaria á de Bakunine e republica social á dos modernos sociais-democratas? A republica ideal vem a ser a comunidade de bem-estar e liberdade.

Abc.

Mancha da "Kultur"

No seu livro *A Patria deles*, o bem conhecido Hervé insere umas quatro amostras de canções patrióticas alemãs, reunidas num manual escolar. Frases das duas ultimas:

«Cuidado! Se se mexem, se dão um passo para nós, apanham mais uma tarefa, e por fôrma definitiva, oh pilhas descarados!

«Havemos de derribar as muralhas insolentes da vossa Ascalon; havemos de arrazar as vossas cidades, e ninguém mais saberá, ninguém mais poderá reconhecer onde Ascalon-Paris existiu e onde os franceses viveram!

«Salvé, rei Guilherme, heroi pio e forte! Hurrah! O teu povo inteiro te aclama. Hurrah! Olha bem para nós e terás ocasião de ver como tosamos rijamente os franceses!

«Avante! avante! Recomeçemos a dansa! Hurrah! hurrah! hurrah! A Paris! Paris é o nosso objectivo! Nossos pais já por duas vezes lá estiveram. Também nós lá estaremos em breve. Victoria! Cantemos o velho estribilho: Hurrah! é carregar, carregar sobre os franceses!»

Que cerebro infantil, exclama com razão o redactor da *Guerre Sociale*, seria capaz de resistir a uma tal sugestão, a estas excitações perigosas! E nós exclamamos por vez: — que procedimento havia a esperar de quem recebeu semelhante educação, senão esse de que nos teem vindo os ecos!

Uma reforma

Era do programa do governo Bernardino Machado a reforma da lei das associações de classe, muito necessaria, segundo ele, para... nem já sabemos o quê. E porque o era, o ministro elaborou o respectivo projecto — mau, por sinal, e a comissão parlamentar redigiu seu parecer — uma peste, pela amostra que trouxe a publico o deputado socialista. Foi ha pouco mais de um ano. Quem se lembra hoje disso?

Novos impostos

Anuncia-se mais um aumento de contribuições. Aham os senhores do poder que o país, apesar de pagar agora uma soma de impostos superior á do tempo da monarquia, ainda pode pagar mais. E ele que se cala, dá-lhes razão. Mas, porque não cuidam de diminuir as despesas?